Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

ISSNe 2674-919X

Vol. XXXIII – Nº 3 – Dezembro / 2026 – Sexualidade(s) II

Editorial

Em *Doutor Fausto*, Thomas Mann (1947/2015) nos apresenta a trajetória de Adrian Leverkühn, um compositor que, em busca de uma potência criadora excepcional, estabelece um pacto com o diabo. Ao retomar o mito fáustico (Marlowe, 1587/2018), imortalizado por Goethe (1808/2004), Mann confere uma dimensão trágica à aspiração humana de ultrapassar os próprios limites, deslocando-a para uma reflexão sobre os destinos da criação e da cultura. Em troca de 24 anos de genialidade, Leverkühn deverá renunciar ao amor e à possibilidade de estabelecer vínculos afetivos genuínos. Sua obra musical alcança uma originalidade extraordinária, enquanto sua vida psíquica se deteriora de maneira progressiva, marcada pelo isolamento e pelo afastamento do outro.

Escrito durante o exílio de Mann, sob o impacto do nazismo, o romance aproxima o destino de Adrian ao da Alemanha, seduzida por promessas de grandeza e poder que culminaram na barbárie. A trajetória do protagonista nos confronta com a possibilidade de que o refinamento intelectual coexista com a destrutividade e possa, inclusive, ser colocado a seu serviço. A barbárie, por sua vez, pode emergir de formas de organização do pensamento que, sustentadas por ideais de superioridade e certezas absolutas, legitimam a exclusão e a aniquilação do outro. É nessa recusa da alteridade que se revela uma das dimensões mais radicais da desumanização.

Ao concluir meus 4 anos como editora-chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*, encontro, na narrativa de Thomas Mann, uma oportunidade para refletir sobre questões que atravessam tanto a temática deste número, *Sobre o masculino*, quanto algumas inquietações que se tornaram especialmente significativas para mim ao longo desse percurso: o lugar do *não saber* na construção e na transmissão do conhecimento, bem como os riscos decorrentes da recusa em reconhecer nossos próprios limites.

A busca de grandeza e excepcionalidade de Leverkühn, sustentada pela promessa de ultrapassar a condição humana, permite pensar os ideais de potência e autossuficiência que podem se constituir como defesas diante da vulnerabilidade e da dependência. Essa tensão me parece particularmente relevante, tanto para a reflexão sobre o masculino quanto para a maneira como nos relacionamos com o conhecimento científico e psicanalítico.

O reconhecimento do *não saber* não representa uma renúncia ao conhecimento, mas uma condição para sua construção. O pensamento científico se desenvolve justamente porque permanece aberto à investigação, ao confronto

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

com novas evidências e à revisão de seus pressupostos. Quando se fecha à possibilidade de ser questionado, corre o risco de se transformar em dogma, perdendo a capacidade de produzir novas compreensões. A recusa em reconhecer os próprios limites pode, assim, transformar o conhecimento em instrumento de poder e dominação, legitimando formas de pensamento que negam a diferença e favorecem processos de alienação e desumanização.

Na psicanálise, essa questão adquire uma dimensão particular. Não se trata apenas de reconhecer os limites de nossas formulações teóricas, mas de considerar a incerteza como parte constitutiva da própria experiência clínica. O encontro analítico nos confronta continuamente com aquilo que escapa à compreensão imediata, com experiências emocionais ainda não representadas e com a singularidade de um outro que não pode ser inteiramente apreendido por nossas categorias de conhecimento. A teoria oferece instrumentos fundamentais para a escuta, mas pode também ser convertida em uma defesa quando utilizada para preencher prematuramente as lacunas da compreensão ou quando submete a experiência a explicações previamente estabelecidas. Pensar exige suportar a ausência de respostas imediatas, admitir a insuficiência de nossas formulações e permanecer disponível àquilo que pode surpreender, contrariar nossas expectativas, sendo também aquilo que nos convoca a continuar pensando.

As reflexões reunidas no presente número da *Revista de Psicanálise da SPPA*, dedicado ao masculino, convidam-nos a interrogar os modos pelos quais ideais de potência, autonomia e autossuficiência podem se constituir tanto como possibilidades de afirmação subjetiva quanto como defesas diante da vulnerabilidade e da dependência. Mais do que buscar definições conclusivas sobre o masculino, interessa-nos manter abertas as perguntas suscitadas por suas diferentes configurações, reconhecendo a complexidade dos processos identificatórios e a presença incontornável da alteridade na constituição do sujeito.

É nessa perspectiva que se inscrevem os trabalhos dedicados ao masculino constantes neste número. Michael Diamond, em seu artigo e posfácio, examina a constituição da masculinidade a partir da vulnerabilidade primordial, da relação pré-fálica com a mãe e das defesas fálicas diante do desamparo e da dependência. Ao retomar suas formulações à luz das transformações contemporâneas, interroga as defesas hipermasculinas e as possibilidades de uma masculinidade mais flexível e aberta à alteridade. Em diálogo com Diamond, Claudio Eizirik amplia tal reflexão ao explorar a pluralidade das masculinidades, os processos identificatórios e a integração da herança materna ao longo da vida. Juarez Guedes Cruz, por sua vez, aborda as ameaças à continuidade de ser, aproximando experiências de dependência

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

e vulnerabilidade nos extremos da vida, ao mesmo tempo em que interroga as distinções entre masculino e feminino.

A constituição psíquica e a parentalidade são retomadas por Maria Cecília Pereira da Silva, que propõe uma compreensão intersubjetiva da função parental, para além dos papéis fixos atribuídos ao masculino e ao feminino. Celso Gutfriend, articulando experiências clínicas e transformações socioculturais, reflete sobre as representações do masculino, suas possibilidades de simbolização e suas manifestações de machismo e violência. Matheus Vieira da Cunha discute a crise da função paterna, situando tal impasse no enfraquecimento das possibilidades de tradução simbólica da castração, enquanto Alexandro Henrique Paixão, a partir de uma história em quadrinhos, explora as angústias de castração presentes nas relações amorosas masculinas. Sergio Nick, por fim, examina o feminicídio, articulando o desamparo identitário masculino, as transformações nas relações de gênero e as manifestações de destrutividade.

Em seu conjunto, os trabalhos evidenciam que a masculinidade não constitui uma condição homogênea ou definitivamente estabelecida, mas envolve processos identificatórios, experiências de dependência e transformações subjetivas e culturais. Ao interrogarem as tensões entre potência e vulnerabilidade, entre autonomia e dependência, entre reconhecimento e recusa da alteridade, os textos oferecem distintas perspectivas para pensar tanto as possibilidades de elaboração quanto os destinos defensivos e destrutivos do masculino.

Na seção *Temas diversos*, ampliando o horizonte da edição, Luiz Ernesto Cabral Pellanda aborda a cognição e a aprendizagem a partir do paradigma da complexidade, enquanto Nilton C. Bianchi explora as configurações múltiplas e fragmentadas da subjetividade contemporânea. Sob diferentes perspectivas, ambos questionam modelos lineares e reducionistas, abrindo novas possibilidades de compreensão dos processos de conhecimento e de constituição subjetiva.

Na seção *Psicanálise em Diálogo*, Elena Tomasel, primeira curadora desse espaço, apresenta *A medida na desmedida: deinos, hybris e o tornar-se humano em Bion*, em que articula psicanálise, filosofia e literatura para refletir sobre a tensão entre potência e desmedida, interrogando como a experiência dos limites e o reconhecimento da alteridade podem favorecer o tornar-se humano e o desenvolvimento do pensamento.

Encerrando a edição, Renato Lucas apresenta uma resenha de *A sexualidade masculina*, de Jacques André, retomando, por meio da interlocução com a obra, questões relativas à constituição psíquica do masculino e à complexidade da sexualidade, as quais atravessam os diferentes trabalhos deste número.

Ao abordarem o masculino a partir de variadas perspectivas teóricas, clínicas

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

e culturais, os trabalhos desta edição não pretendem alcançar uma concepção única, mas ampliar as possibilidades de reflexão acerca de sua complexidade. Essa pluralidade, que buscamos preservar e cultivar ao longo de nossa gestão, constitui também uma marca importante da *Revista de Psicanálise da SPPA*. Mais do que reunir diferentes pontos de vista, trata-se de sustentar um espaço de interlocução no qual o pensamento psicanalítico possa ser continuamente interrogado, ampliado e transformado pelo encontro com outras ideias e campos do conhecimento.

Uma revista não é constituída apenas pelos textos que publica, mas também pelo trabalho, muitas vezes silencioso, daqueles que participam de sua construção. Tive o privilégio de compartilhar tal percurso com colegas cuja dedicação, disponibilidade e compromisso com a psicanálise foram fundamentais para a realização de cada edição. À Editoria, à Comissão Editorial, à bibliotecária, aos pareceristas, autores e a todos que contribuíram para a Revista, expresso meu reconhecimento e minha gratidão. A confiança da Diretoria da SPPA e o apoio da Diretoria de Publicações foram igualmente importantes nessa trajetória.

É com igual satisfação que passo a editoria da Revista a Tiago Crestana, que assume agora a função de editor-chefe. Desejo-lhe uma trajetória fecunda, marcada pela abertura ao diálogo, pela pluralidade de perspectivas e pela possibilidade de seguir fortalecendo nossa Revista.

Se a psicanálise nasceu da disposição para escutar aquilo que escapava às formas estabelecidas de conhecimento, sua vitalidade depende de conservar tal abertura, sem transformar suas construções teóricas em verdades definitivas. É com essa convicção que concluo meu trabalho à frente da *Revista de Psicanálise da SPPA*: transmitir psicanálise não significa apenas preservar uma herança, mas também criar condições para que ela possa ser interrogada, transformada e enriquecida.

Como a última nota da composição de Leverkühn, em *Doutor Fausto* (1947/2015), algo permanece ressoando para além do silêncio. Talvez a esperança resida justamente na possibilidade de sustentar a incompletude e a incerteza, mas sem sucumbir à resignação nem recorrer a certezas apaziguadoras, preservando, no encontro com o outro, a disposição para continuar pensando e criando. ❐

Referências

Goethe, J.W. von. (2004). *Fausto* (A. E. de Carvalho, Trad.). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1808)

Mann, T. (2015). *Doutor Fausto: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um*

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

amigo (H. Caro, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1947)

Marlowe, C. (1587). *A trágica história do Doutor Fausto e a história do Doutor João Fausto de 1587: o nascimento de uma tradição literária* (L. Bueno, C. W. Galindo, & M. L. Frungillo, Trads.). Ateliê Editorial; Editora da Unicamp, 2018.

Ana Cristina Pandolfo
Editora-chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*